



VOLUME – V. 4

NÚMERO – N. 1

JUN. – 2026

ISSN: 2966-1439

P. 135-161

AS CONTRIBUIÇÕES “D’ULTRA-ATLÂNTICO”:

A. D. TAVARES BASTOS E O PÓS-GUERRA FRANCÊS NAS PÁGINAS DE *RENAISSANCES* E DA *REVISTA ACADÊMICA*

A. D. TAVARES BASTOS AND THE FRENCH POSTWAR PERIOD IN THE PAGES OF *REVISTA ACADÊMICA* AND *RENAISSANCES*

Mônica Gomes da Silva.¹

RESUMO: A *Revista Acadêmica* (1933-1948), de linha antifascista, constituiu-se um espaço importante para a divulgação e a crítica modernistas. Entre seus inúmeros colaboradores, destaca-se a figura do poeta A. D. Tavares Bastos (1900-1960) que, ao lançar uma ponte transatlântica entre Paris e Rio de Janeiro, tornou-se um representante da publicação carioca, na França, conforme se comprova em sua correspondência a Murilo Miranda (1912-1971), editor da revista. Entre as várias atividades descritas pelo missivista, sobressaem tanto as colaborações para as revistas francesas, quanto seu papel de promotor cultural para a tradução/difusão de autores brasileiros. Desse modo, este trabalho objetiva reunir e sistematizar um *corpus* referente ao trabalho de Tavares Bastos, atendo-se aos textos relacionados ao contexto francês do pós-guerra nas páginas de *Renaissances – Revue Mensuelle* (1945) e da *Revista Acadêmica* (1946). A pesquisa se baseia nos conceitos da especificidade da América Latina como arquivo literário (Pizarro, 2009) e da revista como arquivo da cultura e da literatura na América Latina, entendida como uma “fonte ideal para estudar as diversas modalidades e debates da crítica literária” (Patiño, 2009, p. 461). Recuperar e rearticular os textos dispersos, nessas publicações, permite não só reafirmar a relevância da atuação de A. D. Tavares Bastos para a literatura brasileira, mas também contribuir para a construção de uma “memória continental” (Pizarro, 2009, p. 357) e o estudo das relações crítico-literárias “d’ultra atlântico” (Bastos, 1946, s.p).

Palavras-chave: A. D. Tavares Bastos. Arquivo. *Revista Acadêmica*. *Renaissances*. França.

¹ Doutora em Estudos de Literatura (UFF). Professora Adjunta de Literatura Brasileira (UFRB). E-mail: mgs@ufrb.edu.br

ABSTRACT: *Revista Acadêmica* (1933–1948), of antifascist orientation, was an important platform for modernist dissemination and criticism. Among its many contributors, the poet A. D. Tavares Bastos (1900–1960) stands out. As Tavares Bastos established a connection between Paris and Rio de Janeiro, he became a representative of the journal in France, as evidenced by his correspondence with Murilo Miranda (1912–1971), the journal’s editor. Among the activities mentioned by the contributor are his contributions to French journals, as well as his role as a cultural promoter of Brazilian writers through translation and dissemination. Thus, this study aims to assemble and organize a corpus related to the works of Tavares Bastos, focusing on writings concerning the French postwar period in the pages of *Renaissances – Revue Mensuelle* (1945) and *Revista Acadêmica* (1946). The research is based on the concepts of Latin America’s specificity as a literary archive (Pizarro, 2009) and of the journal as an archive of Latin American culture and literature, understood as an “ideal source for studying the different modalities and discussions of literary criticism” (Patiño, 2009, p. 461). Bringing together and reconnecting texts scattered across these journals not only allows us to reaffirm the importance of A. D. Tavares Bastos’s work to Brazilian literature, but also contributes to shaping a “continental memory” (Pizarro, 2009, p. 357) and to the study of transatlantic critical-literary relations (Bastos, 1946, s.p.).

Keywords: A. D. Tavares Bastos. Archive. *Revista Acadêmica*. *Renaissances*. France.

INTRODUÇÃO

Antônio Dias Tavares Bastos foi poeta, tradutor e membro do corpo diplomático brasileiro. Nascido na cidade de Campos, no Rio de Janeiro, muda-se, ainda na infância, para o Espírito Santo. Sua primeira obra, *Ballades Brésiliennes* (1924), foi escrita em francês e marca o interesse e admiração pela literatura finissecular da França, país onde se radicou a partir de 1937. Antes de emigrar do Brasil, A. D. Tavares Bastos residiu no Rio de Janeiro, cidade onde trabalhou como advogado e intensificou a sua vida literária: “Aí conheceu escritores, poetas, jornalistas, e começou a reunir e traduzir poemas para o francês (a língua francesa era a grande paixão dele). Como advogado, defendia de verdade ‘a viúva e o órfão’, de maneira que não enriqueceu... Era poeta mesmo!” (Bastos, 1994, s. p. *apud* Neves, 2019, p. 43).²

Entre estes contatos, inclui-se a “Turma da Taberna da Glória” (Câmara, 2004). A turma boêmia, que deambulava pelos bairros da Glória, Lapa e

² Carta de Georgette Tavares Bastos, esposa de A. D. Tavares Bastos, a Renato Pacheco, datada de 25 de maio de 1994.

adjacências, formada por jovens estudantes como Murilo Miranda e Moacir Werneck de Castro. Ambos estiveram à frente da *Revista Acadêmica* (R.A.), Murilo como editor, Moacir como secretário; uma publicação ligada, inicialmente, à Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. Posteriormente, a revista expande seu escopo, nunca abandonando sua vocação engajada e antifascista, e se torna um “órgão de vanguarda” (Andrade, 1971, p. 8) ao divulgar a arte modernista e promover a crítica sobre as novas formas plásticas e literárias.

Na revista, foram publicados textos literários de A. D. Tavares Bastos: “Renovação” foi o primeiro poema a aparecer em agosto de 1936 (N. 21). O escritor passaria a integrar, a partir de março de 1937 (N. 26), o Conselho Diretor da R. A., constituído como tal até maio de 1944 (N. 63). Desse modo, a amizade com Murilo Miranda, editor da R.A., prosseguiu após a fixação do poeta fluminense-capixaba na França, conforme se registra na correspondência passiva guardada no Acervo Murilo Miranda pertencente à Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

Ao longo das vinte e seis cartas, compreendendo o período de 14 de dezembro de 1945 até 25 de setembro de 1955, é possível conhecer a atuação vigorosa de A. D. Tavares Bastos em prol da literatura brasileira, traduzindo obras e intermediando a publicação junto a editores franceses, bem como seu papel decisivo para a elaboração do número de homenagem à França pela R.A. (N. 67, Novembro/1946). As cartas demonstram um momento prolífico da própria produção de A. D. Tavares Bastos e compõem uma crônica do período do período de libertação de Paris e o pós-guerra, com a retomada da vida cultural na capital francesa.

Entre as inúmeras frentes de atuação assumidas pelo escritor naquele período, nos concentramos, neste artigo, em um recorte dos textos de A. D. Tavares Bastos publicados em revistas francesas e brasileiras, conforme aparece na correspondência a Murilo Miranda. Assim, o artigo se divide em mais duas seções: 1. *Renaissances* e o dever de justiça, trata da participação de A. D. Tavares Bastos na *Renaissances – Revue Mensuelle* (N. 13-14, agosto – setembro/1945); 2 — *Revista Acadêmica* e o dever de memória.

Para esta pesquisa, foi realizado o levantamento nos arquivos das seguintes instituições: Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), onde se localiza o Acervo

Murilo Miranda e de outros intelectuais atuantes na *Revista Acadêmica*; Fundação Biblioteca Nacional (FBN), lugar da Coleção Murilo Miranda na seção de manuscritos; o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), local do Acervo Mário de Andrade, com a guarda de exemplares da R.A. Para o estudo da presença francesa na R.A. e as obras do escritor fluminense-capixaba A. D. Tavares Bastos, foi realizado o levantamento na *Bibliothèque Nationale de France* (BNF). Foram consultados, também, os acervos digitais da Hemeroteca da FBN e o Acervo do jornal *O Estado de São Paulo*.

Revisitamos os arquivos das revistas mencionadas nas cartas de A. D. Tavares, em consonância com os marcos conceituais propostos por Ana Pizarro (2009) e Roxana Patiño (2009). Para a professora chilena, a concepção de América Latina como arquivo literário deve considerar a “diferença colonial”, constituindo-se a partir da necessidade

da urgência do registro, do testemunho de memória do documento, devido à precariedade de sua condição histórica. Necessita também de reler os monumentos, abordando-os de forma crítica, desconstrutiva, para re-situar permanentemente o documento e o monumento (Pizarro, 2009, p. 357).

A pluralidade de nossas sociedades e a instabilidade dos nossos processos tornam o arquivo “no sentido clássico da palavra, no sentido de constituição de um conjunto orgânico de documentos e suas relações, [...] um ato de resistência” (Pizarro, 2009, p. 354). Para Ana Pizarro, deve-se empreender, a partir do arquivo, um trabalho de memória que vá de encontro à tendência de apagamento e manipulação dos relatos, uma vez que o arquivo é, simultaneamente, espaço de controle e de luta no campo simbólico. Por outro lado, o “olhar estrábico” do pesquisador surge em contraponto à seleção arbitrária dos materiais, a fragilidade das redes de arquivos, a fragmentação e a errância da memória:

O trabalho e a crítica ao documento, como ao monumento, é uma necessidade básica do historiador da literatura como do historiador em geral. O perigo é o culto ao documento e com ele o culto ao passado do qual ele provém. O risco é o conservadorismo, o fetiche que conduz a uma atitude finalmente fundamentalista. A abordagem deve ser móvel, *o olhar que o examina deve ser estrábico, pendular entre o passado, a atualidade e o porvir, entre objeto e subjetividade do pesquisador*.

Trata-se da recuperação e do tratamento do documento de arquivo em seu estado mais primitivo para elaborar sobre ele, com adequação a análise que o

converterá em um elemento de apoio para pensar o futuro (Pizarro, 2009, p. 357, *grifos nossos*).

Em perspectiva semelhante, Roxana Patiño destaca a importância, quantitativa e qualitativa, das revistas como arquivos da crítica e da literatura na América Latina. Seja como “um espaço dinâmico de circulação e interseção de discursos altamente significativos para o estudo não só da literatura, mas também da história e da sociologia cultural, da história das idéias e da história intelectual” (Patiño, 2009, p. 457), seja como “construtoras informais de genealogias e projetos culturais” (Patiño, 2009, p. 458), as revistas são marcadas por uma “heterogeneidade estético-ideológica [que] desafiava, página a página, a pureza de seus limites” (Patiño, 2009, p. 458). Em seu diálogo intempestivo, a revista capta tendências e valores do campo cultural, dá a conhecer as redes intelectuais e o processo de interlocução e intervenção na esfera pública:

O que podemos saber indagando a diacronia da revistas literárias e culturais? [...] As revistas podem, nesta perspectiva, ser estudadas como uma das fontes mais importantes para estudar as formas de intervenção político-cultural na América Latina. A revista — o jornalismo de ideias, em geral — é o lugar onde se desloca esta modalidade, onde o intelectual e o artista mudam sua função e sua relação com a política, a partir da modernização do último terço do século 19. Uma revista, mesmo a mais elitista, se define pelo seu caráter e vontade intervenção pública, qualidade que remete ao nascimento do jornalismo e da própria opinião pública. [...] A revista intervém para deixar sua marca no presente, não está interessada no futuro como o livro. Mas é essa vontade de presente o que a converte em um objeto histórico e passível de ser historiado (Patiño, 2009, p. 461).

Portanto, recuperar e rearticular os rastros das participações de A. D. Tavares Bastos, nas revistas selecionadas, daqui e da França, pode ser visto como um pequeno passo para “a constituição do arquivo da memória continental” (Pizarro, 2009, p. 357), permitindo uma reflexão atualizada sobre as relações crítico-literárias “ultra-atlânticas”³.

1 *RENAISSANCES* E O DEVER DE JUSTIÇA

³ BASTOS, A. D. [Correspondência Fundo Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. Paris, 3 novembro 1946. Carta datilografada. 1 folha, frente e verso. Assinatura a tinta.

Destacam-se, nas cartas a Murilo Miranda, as colaborações de Tavares Bastos em torno do fim da 2ª Grande Guerra Mundial e a libertação de Paris, tanto nas revistas francesas, quanto no jornal *O Estado de São Paulo* e no número comemorativo da França publicado pela R.A. O discurso se divide entre o júbilo do fim dos “tempos sombrios” (Arendt, 2008), reiterando a importância de valores que não sucumbiram diante da violência totalitária e se constituíram como a força subterrânea para derrotá-la, mas também a hora de fazer o balanço entre resistentes e colaboracionistas, na França.

Ao início de 1946, Tavares Bastos dá notícias, a Murilo, de dois textos: o ensaio “*Le triste cas de Charle Maurras*” (1945), publicado na *Renaissances – Revue Mensuelle*, e a preparação de uma “brochura” intitulada “Noite de ontem. (Reflexões de um intelectual alemão anti-nazista)”. Ambos foram traduzidos para o português, formando um díptico sobre o fim da guerra e as questões concernentes à atitude dos intelectuais durante o conflito.

Em nosso levantamento, não conseguimos localizar os manuscritos referentes ao ensaio “Noite de ontem”, que o remetente informa ter enviado, ao Brasil, para o irmão. Na correspondência, são registrados os contratempos enfrentados para publicar o texto aqui⁴. Tampouco, se o texto chegou a vir a lume em francês, sendo destinado, a princípio, para a *Éditions de Minuit*, “*la maison d’édition littéraire de la Résistance*”⁵ (Simonin, 2002, s.p.). Em relação ao “*Le triste cas de Charle Maurras*”, assim como o ensaio “Noite de ontem”, os esforços para publicação no Brasil são baldados, de acordo com as fontes consultadas na Hemeroteca da FBN e o Acervo do jornal *O Estado de São Paulo*, onde Tavares Bastos enviou artigos e reportagens saídos entre 30 de abril de 1947 e 13 de fevereiro de 1948.

A versão em francês do “*Le triste cas de Charle Maurras*” encontra-se disponível na seção de microfilmes da *Bibliothèque François-Mitterrand* (BNF). A *Renaissances – Revue Mensuelle* surge durante o período da guerra, em 1943,

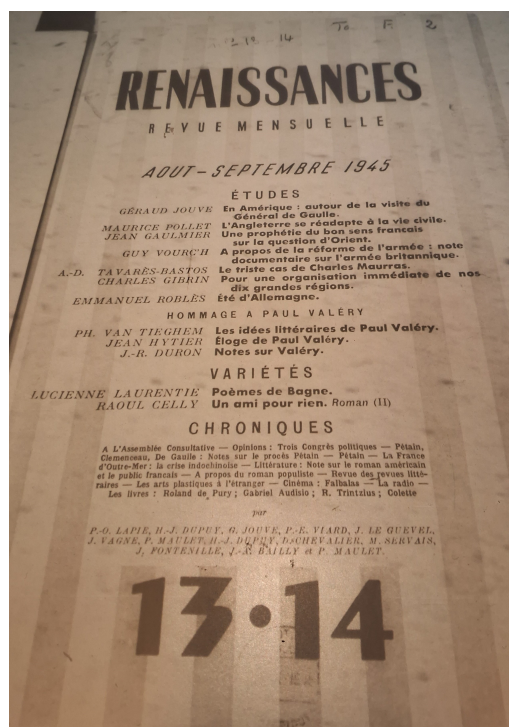
⁴ Entre 16 de janeiro de 1946 e 03 de novembro de 1946, Tavares Bastos informa sobre o envio dos originais, as dificuldades para conseguir uma editora e pede que Murilo seja seu intermediário no Rio de Janeiro. Primeiro, é feita uma proposta na Livraria Editora Zelio Valverde e se chega a cogitar a publicação do texto em jornal, mas a iniciativa não vai à frente, de acordo com as nossas pesquisas.

⁵ “a casa da edição literária da Resistência” (Trad. nossa).

quando Alger torna-se capital provisória da França Livre, durante os anos de 1942 a 1944, e o periódico encerra suas atividades em 1946. Com forte viés político, a publicação integra as lutas em prol da resistência francesa, com o subtítulo inicial de “*Revue de la pensée politique française*”⁶.

A introdução do ensaio de Tavares Bastos é escrita por Lucien Béniste que aparece como co-tradutor do texto. O texto possui uma breve biografia de Tavares Bastos, anunciando, já nas primeiras linhas, o porquê de um escritor brasileiro tratar “*d’un événement aussi ‘intime’ à la France*” (Béniste, 1945, p. 40)⁷. Após apresentar a paixão de Tavares pelo país e pela língua francesa e as circunstâncias da sua deportação, o prefaciador, numa linha muito próxima a de Hannah Arendt (2008), aponta para a questão humanitária do caso e o dever de todo intelectual se “*d’exprimer des vérités nécessaires quand les factions ou l’ignorance les ont tenues cachées*”⁸ (Béniste, 1945, p. 40).

Figura 1 – Capa *Renaissances – Revue Mensuelle* (N. 13-14, Agosto-Setembro/1945)



Fonte: *Bibliothèque François Mitterrand* (BNF).

⁶ “Revista do pensamento político francês” (Trad. nossa).

⁷ “um acontecimento tão ‘íntimo’ à França” (Trad. nossa).

⁸ “de exprimir as verdades necessárias quando as facções ou a ignorância obrigaram a escondê-las” (Trad. nossa).

No ensaio, Tavares Bastos parte da relação entre as culturas brasileira e francesa, agindo como uma espécie de observador “ultra-atlântico” (Bastos, 1946, s.p). O escritor menciona uma viagem do jornalista francês M. Pierre Scyzr [sic], ao Brasil, a fim de investigar as causas de um suposto declínio da influência da cultura francesa no país. Dizendo ignorar os resultados da enquête, Tavares comenta certa “apatia” do intelectual brasileiro diante das crises políticas internas da “grande nação latina” e expõe, entre as causas, as “*répercussions si désastreuses pour la France, par le fougueux folliculaire Charles Maurras*”⁹ (Bastos, 1945, p. 41).

Tavares revisa a recepção da obra literária de Maurras no Brasil, cuja pluma havia ganhado notoriedade considerável por “*son esprit académique avaient pu séduire un pays jeune où les lettres naissantes inclinent vers l’académisme et le Parnasse*”¹⁰ (Bastos, 1945, p. 41). O ensaísta reconhece um prestígio artístico inabalável, após tantos anos da introdução da obra maurrassiana, dando a dimensão conservadora e persistente da literatura oficial no próprio Brasil. Também, expõe a ação do jornalista francês como líder da *Action Française*, cuja fundação está ligada às ações de “*La Ligue des Patriotes*” por ocasião de “*l’affaire Dreyfus*”.

No começo do ensaio, portanto, Tavares começa a estabelecer a dimensão que o “triste caso de Maurras” atinge em terras brasileiras e questiona a divisão estanque entre o escritor beletrista, de notoriedade inalterada, e as atitudes políticas reprováveis. É em termos de mistificação que o ensaísta comenta a militância intelectual de Maurras e a sua defesa da Monarquia que, se não encontra acolhida entre os escritores brasileiros, por outro lado, não impede que os acontecimentos referentes ao processo não ganhem a devida atenção, no seu entendimento (Bastos, 1945, p. 42).

O texto se dirige aos leitores brasileiros e se propõe expor “*les grandes lignes d’un procès historiques les plus typiques: celui du sectarisme maurrassien, qui se déroula dans l’ambiance de cette tolérance traditionnelle de la grande nation*”

⁹ “repercussões desastrosas para a França pelo gazeteiro incendiário Charles Maurras” (Trad. nossa).

¹⁰ “seu espírito acadêmico tinha conseguido seduzir um país jovem onde as letras nascentes inclinam em direção ao academicismo e ao Parnaso”. (Trad. nossa).

française”¹¹ (Bastos, 1946, p. 43). O ensaísta passa a se dedicar à doutrina maurrassiana, seu monarquismo, o que identifica como esnobismo aristocrático em conflito aberto com a vocação democrática da França. O *slogan* de Maurras, “*La France, la France seule*” é questionado por Tavares: “(1) *Pourquoi pas: L’Andorre, l’Andorre seule, etc ?...*”¹² (Bastos, 1945, p. 43). Andorra, país neutro durante a Segunda Guerra Mundial, foi uma zona de confluência de refugiados e exilados entre França e Espanha. A provocação de Tavares Bastos põe, em relevo, a estreiteza nacionalista e xenofóbica de Maurras. Arrolando os vários regimes totalitários na Europa e a morte de artistas como García Lorca, são criticados a indiferença de Maurras e o apoio ao poder invasor (Bastos, 1945, p. 44).

O texto contrapõe tanto uma provável inconsciência de Maurras, quanto à gravidade de integrar-se ao novo regime, sublinhando as atitudes antidemocráticas do jornalista, com diligente e expressivo alcance em órgãos oficiais da França (Bastos, 1945, p. 45-46).

Importantes eventos da guerra são revistos à luz da campanha ideológica da *Action Française*. As ambiguidades de Maurras são denunciadas, demonstrando a incoerência na campanha a favor de “*l’affaire Dreyfus*”, a quem se equipara, considerando-se vítima de injusta perseguição. É recapitulada a difamação promovida, por Maurras, do jornalista do político Jean Jaurès, insuflando a revolta conservadora e que culminaria na morte deste político socialista (Bastos, 1945, p. 47).

Assim, na condição de “eminência parda”, adere, imediatamente, ao novo regime e atua em prol da escalada às propostas de eliminação dos dissidentes franceses, nos bastidores do Governo de Vichy (Bastos, 1945, p. 48-49). Após situar a conduta de Maurras durante o Governo de Vichy, Tavares Bastos se detém no processo, propriamente, dito. O início, quando o réu “joga” com a sua influência para ser inocentado e as salas de audiência lotadas de parentes dos resistentes fuzilados pelo regime, com as respectivas reações diante do acusado, criam uma verdadeira *mise-en-scène* no ensaio, dando a nota de tristeza do caso. Sua “doutrina

¹¹ “as grandes linhas históricas do processo mais típico: aquele do sectarismo maurrassiano que se desenrola na atmosfera de certa tolerância tradicional da grande nação francesa”. (Trad. nossa).

¹² “A França, a França somente”, “Por que não: Andorra, Andorra somente, etc.?”. (Trad. nossa).

moral confusa” colide, frontalmente, com as acusações legais de denúncia e colaboração com a milícia “vichyssois”. A resposta de Maurras foi a de ser responsável por um “esforço draconiano” para evitar novas mortes de franceses. Tavares Bastos compara a resposta com a declaração maurrassiana sobre a falha em não ter cortado as cabeças dos resistentes a fim de evitar a fuga e o desembarque na Argélia (Bastos, 1945, p. 50-51).

Testemunhas do processo, réplicas e tréplicas são reproduzidas, dinamizando o ensaio e mostrando as intensas emoções que acompanhavam o julgamento. Com o curso da audiência, as declarações deploráveis sobre os campos de concentração são transcritas. Tavares Bastos ressalta a leviandade do réu: “*Tout cela n’est pas sérieux, il n’y a pas de quoi fouetter un chat!*”¹³ (Maurras *apud* Bastos, 1945, p. 53). Ademais, é recordada a participação de Maurras, cujo artigo de jornal foi significativo para a perseguição e a morte do combatente judeu M. Worms.

Ao fim, é reproduzida a sentença infligida a Maurras que além da reclusão perpétua, determinava a “*peine d’indignité nationale comme auteur intellectuel de crimes déterminés exécutés par les policiers de Pétain et d’Hitler*”¹⁴ (Bastos, 1945, p. 53). Seguem as reflexões publicadas nos jornais sobre a figura de “*père spirituel*” (pai espiritual) do fascismo, o receio que, embora recluso, siga sua campanha de ódio, a perplexidade de que o amor dedicado à nação tenha degenerado em “*amour pourri*” (“amor podre”), bem como a perspectiva de que o escritor, da prisão, escreverá suas memórias, mantendo, de algum modo, sua influência.

Por fim, a condenação é vista como “revestida de grande sabedoria”, impedindo que o escritor se converta num mártir da nação (Bastos, 1945, p. 53). Logo, o ensaio de A. D. Tavares Bastos revela-se uma representação de fôlego do caso Maurras, cujos juízos e consequências se fazem sentir no século XXI, como analisamos a seguir.

1.1 Revisões: A. D. Tavares Bastos e o “triste caso” de Charles Maurras

¹³ “Tudo isto não é sério, não é nada demais!” (Trad. nossa).

¹⁴ “pena de indignidade nacional como autor intelectual de crimes determinados executados pelos policiais de Pétain e de Hitler” (Trad. nossa).

O estudo de François Bogliolo, “*Comme un reflet... Renaissances* (Alger 1943 – Paris 1946)”, realiza o histórico de fundação da revista, apresenta seus principais colaboradores — “*la revue accueillit principalement des enseignants ou écrivains d’Algérie et de l’exil puisqu’au début, il n’existait plus de liens avec la métropole*”¹⁵ (Bogliolo, 2015, p. 35) — e analisa a linha editorial ligada à resistência francesa e ao anti-colonialismo, presentes nos temas e nos posicionamentos ideológicos dos autores publicados.

Entre os estudos publicados, constam textos sobre Alemanha, América do Sul, China, Turquia, URSS e a relação com a guerra em curso, a situação colonial da Indochina, a criação de um estado judeu na Palestina, a “civilização atlântica” e o novo protagonismo dos Estados Unidos da América, além de reportagem sobre o campo de concentração *Neue Bremm*; há textos literários que dialogam com as questões políticas levantadas pela revista de autores como F. Scott Fitzgerald. Na revista, há uma pujante linha anti-colonial decorrente da situação de deslocamento e, muitas vezes, de exílio de seus participantes:

*Dans un climat de négation et de reconstruction une nouvelle génération peu à peu arrive au pouvoir, en plein jour. [...] En “terre française d’Afrique” se posait “le problème de la résurrection française”. [...] Sur les cendres de la défaite mais dans cet espace peu ou prou colonial, la nation renaît tout comme un an auparavant l’armée française avait connu sa renaissance sous le soleil d’El-Alamein*¹⁶ (Bogliolo, 2015, p. 36).

Ao responder a questão “*Peut-on dire alors que la participation à la lutte pour la Victoire conditionne la participation à Renaissances?*” (Bogliolo, 2015, p. 57)¹⁷, o crítico coloca o artigo de A. D. Tavares Bastos como uma das exceções à regra:

La revue – exemple a contrario – présente un écrivain conservateur violemment antisémite, “Le triste cas de Charles Maurras” par António-Dias Tavarès Bastos [sic], diplomate brésilien certes mais déporté en 1943 et placé en résidence surveillée à Godesberg. Long article de juillet-août 1945, n.o 13-14, qui fait

¹⁵ “a revista acolhe, principalmente, os professores ou escritores da Argélia e do exílio desde o início, já que não existia mais ligações com a metrópole” (Trad. nossa).

¹⁶ “Em um clima de negação e reconstrução uma nova geração pouco a pouco chega ao poder, em pleno dia. [...] Na “terra francesa d’África” se coloca “o problema da ressurreição francesa” [...] Sob as cinzas da derrota, mas neste espaço pouco ou pró-colonial, a nação renasce toda como um ano antes o exército francês havia experimentado seu renascimento sob o sol de *El-Alamein*” (Trad. nossa).

¹⁷ “Pode-se dizer, então, que a participação na luta pela Vitória condiciona a participação na *Renaissances?*” (Trad. nossa).

*remonter l’engagement à l’affaire Dreyfus. Pourtant Tavares Bastos évoque Maurras inspirateur de Mussolini en oubliant de parler de Maurras hostile à l’expansion coloniale et inspirateur de Ferhat Abbas. Le savait-il? On peut considérer que la revue couvre son ignorance puisqu’aucune NDLR n’apporte l’information*¹⁸ (Bogliolo, 2015, p. 36).

O crítico, nesta passagem, ao abordar a biografia de A. D. Tavares Bastos, atribui-lhe, em 1943, um posto superior na carreira diplomática. Tavares era secretário do embaixador brasileiro Luis Martins de Souza Dantas que desobedeceu às ordens do Estado Novo (1937-1945), entre as quais, a negativa de emitir vistos para judeus refugiados. Souza Dantas “auxiliado por alguns assessores de confiança – cujos nomes dificilmente conseguiremos apurar – [...] facilitou a liberação de centenas de vistos emitidos em caráter permanente, temporário, em trânsito ou diplomático” (Carneiro, 2020, p. 2). Embora não possamos afirmar, categoricamente, que Tavares seja um dos “assessores” desobedientes¹⁹, ele foi um dos funcionários deportados por resistir à invasão alemã na embaixada brasileira e à exigência da entrega dos arquivos com os dados dos judeus refugiados e dos vistos emitidos:

Entre os 25 brasileiros permutados com prisioneiros e feridos do Eixo estavam: Antonio Dias Tavares Bastos, secretário particular do embaixador; Sra. Bastos; Roberto de Castro Brandão, vice-cônsul; Carlos Cardoso; Paulo de B. Carneiro, secretário particular; João Pinto da Silva, ministro; Artur Teixeira de Mesquita, vice-cônsul, e Sra. Mesquita; Luis Martins de Souza Dantas, embaixador; Trajano Medeiros Paço, conselheiro, e Sra. Paço; Osório Dutra, cônsul, e Sra. Dutra; Orlando Leal, vice-cônsul, e Sra. Leal; Leão, arquivista, e Sra. Leal; Lavi José Teixeira Lima, adido; Pantaleão Machado, adido, e Sra.;

¹⁸ “A revista – exemplo inverso – apresenta um escritor conservador violentamente antissemita, “*Le triste cas de Charles Maurras*” por António-Dias Tavarès Bastos [sic], diplomata brasileiro certamente deportado em 1943 e colocado em prisão domiciliar em Godesberg. Longo artigo de julho-agosto de 1945, n. 13-14, que faz remontar ao engajamento ao caso Dreyfus. No entanto, Tavares Bastos evoca Maurras inspirador de Mussolini esquecendo de falar de Maurras hostil à expansão colonial e inspirador de Ferhat Abbas. Pode-se considerar que a revista acoberta sua ignorância já que nenhuma nota editorial fornece as informações” (Trad. nossa).

¹⁹ Em carta a Murilo, Tavares critica o longo tempo que precisa dedicar às atividades burocráticas para a emissão de vistos: “No Consulado, continuo encontrando uma pasmaceira louca, assoberbado com o serviço de vistos, pois os cônsules e vice-cônsules só parece terem em mira impedir-me de tratar com afinco certos assuntos de ordem espiritual que mais me solicitam em Paris, por obra e graça de sua situação hierárquica de verdadeiros chateadores. E numa época em que tanto posso fazer pelas nossas coisas... Tenho por perdido todo o tempo que fazem reter no Consulado a fazer trabalho que qualquer “*minus habens*” seria capaz de levar a cabo” In: BASTOS, A. D. [Correspondência Fundo Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. Paris, 3 novembro 1946. Carta datilografada. 1 folha, frente e verso. Assinatura a tinta.

Vitor Augusto Shaw, adido; Luciano Turque, adido, Sra. Turque e senhorinha Turque (Carneiro, 2020, p. 6).

Em contrapartida, a avaliação de conservadorismo de Tavares Bastos não se sustenta, considerando os posicionamentos antifascistas e a favor da arte moderna, tanto nas obras publicadas pelo autor, quanto nas cartas a Murilo. No que concerne à acusação de antissemitismo e a associação feita pelo escritor brasileiro do caso Maurras com “*l’affaire Dreyfus*”, a comparação se remonta à grande repercussão na opinião pública mundial do processo que, se têm elementos extremados e, até mesmo passionais, lembrando o célebre caso Dreyfus, mas que também possui diferenças significativas, como se percebe nas linhas do ensaio.

A denúncia da manipulação discursiva é uma das ideias basilares do ensaio de Tavares Bastos. Entretanto, ainda diante das ações de denúncia e de julgamento no período imediato do pós-guerra, o missivista constata o arrivismo e a persistência de discursos cruéis, novamente, camuflados e que seguiam rondando para uma nova insurgência, um dos temores expressos no caso Maurras. As recapitulações não foram incomuns e a labilidade, até mesmo cínica, em passar para o lado “vencedor”, são criticadas, severamente, por Tavares Bastos (1947, s. p.), como relata em carta a Murilo Miranda:

Aqui em Paris, tive ocasião de conhecer, em casa de uns amigos, o famigerado [Curzio] Malaparte, autor de *Kaputt* e de outras saliências deste após-guerra. Francamente não gostei do homem. Parece-me simplesmente um arrivista “*qui s’en est tiré d’affaire*”... Depois de ter sido absolvido por um tribunal de depuração, onde teria sido julgado à revelia, não guarda nenhuma compostura, e se deleita pelos salões reacionários de Paris em contar anedotas equívocas e rememorar cenas não controladas de crueldades lá por onde andou como correspondente de guerra dos jornais fascistas, na frente finlandesa ou russa, quase como para querer justificar as atrocidades nazistas. Surpreendi-o quando acabava de justificar certas aventuras fascistas, como a guerra da Etiópia e coisas semelhantes... ²⁰

No contexto de pós-guerra, passou-se à ação de nomear e punir, exemplarmente, aqueles que estiveram nas hordas fascistas em nome de um dever de justiça para que não se venha a repetir a catástrofe das invasões, deportações e

²⁰ BASTOS, A. D. [Correspondência Fundo Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. Paris, 18 de agosto de 1947. Carta datilografada. 2 folhas, frente. Assinatura e correções com tinta gálica.

violações de direitos humanos, resultando em extermínios em massa. Retomamos as palavras de Hannah Arendt (2008, p. 8) sobre a ação intelectual nos “tempos sombrios” e a necessidade de iluminar as mistificações discursivas que ajudaram a normalizar ações violentas e desumanas:

Quando pensamos nos tempos sombrios e nas pessoas que neles viveram e se moveram, temos de levar em consideração essa camuflagem que emanava e se difundia a par do *establishment* — ou do “sistema”, como então se chamava. Se a função do âmbito público é iluminar os assuntos dos homens proporcionando um espaço de aparições onde podem mostrar por atos e palavras, pelo melhor e pelo pior, quem são e o que podem fazer, as sombras chegam quando essa luz se extingue por “fossos de credibilidade” e “governos invisíveis”, pelo discurso que não revela o que é, mas o varre para sob o tapete, com exortações, morais ou não, que, sob o pretexto de sustentar antigas verdades, degradam toda a verdade a uma trivialidade sem sentido.

Entretanto, “*le cas Maurras*” possui singularidades que atraíram a opinião pública num debate acirrado, em parte, pela não capitulação do intelectual, ao sustentar a participação nas ações colaboracionistas, conforme é reportado no extenso ensaio. Em outros artigos do período, Maurras é retratado, igualmente, como um traidor da nação, sendo, noticiada na imprensa brasileira²¹, sua adesão ao Governo de Vichy (1940-1944), ressaltando-se as suas declarações, abertamente, antissemitas. A condenação depois do processo de 1945, implicou em prisão perpétua e a perda de direitos civis, além da exclusão dos monumentos nacionais.

Não obstante, a memória de Charles Maurras segue problemática até o presente século. A sua inclusão, em 2018, no *Livre de commémorations nationales* da França, gerou uma série de críticas e repúdios, conforme estuda Gisèle Sapiro (2022, p. 142), no subcapítulo “Comemorar Maurras?”:

Em 1943, Maurras sugeriu que se recorresse com mais frequência à pena de morte contra os gaulistas e, se ela não fosse suficiente, à tomada e execução de reféns em suas famílias. Na sequência do desembarque dos aliados na Argélia, ele lamentou que os oficiais que o haviam facilitado não tivessem sido

²¹ A título de exemplo da repercussão do caso, no periodismo brasileiro, citamos o artigo de Hermes Lima, “O drama de Maurras”, no *Correio da Manhã*, Sexta-feira, 16 de fevereiro de 1945, p. 4. O articulista aborda as ações controversas da *Action Française*, liderada por Maurras. O vocabulário aproxima-se do tom empregado por Tavares Bastos, ressaltando a idade avançada do intelectual que contava 75 anos de idade ao ser condenado.

executados e reclamou o direito de o exército fuzilar os gaulistas “em todas as capturas”. Ele clamou o endurecimento à repressão contra o maqui e pediu que fosse aplicada aos membros da resistência a lei marcial que permitiria interrogá-los e executá-los e 48 horas. Além do mais, que o antissemitismo maurassiano [sic] não tenha nenhuma relação com o antissemitismo de Goebbels, como afirmava o réu, não mudava nada nos resultados, de acordo com o comissário do governo, isto é, do destino reservado aos judeus: prisões, deportações, tortura, morte. Maurras respondeu em suas memórias em sua defesa que não apenas ignorava “essas belas coisas” sabia, pelo contrário, “que havia um tanto de países onde as colônias judias eram florescentes, onde conseguiam de tudo no mercado negro, que elas corrompiam profundamente as populações camponesas”. No início de 1944, com a aproximação das forças aliadas, os judeus de vários países pareceram para ele se tornarem “muito arrogantes”, até mesmo ameaçadores. [...] Não havia necessidade de esperar o retorno dos refugiados da Shoah quatro meses mais tarde e a abertura do processo de Nuremberg, no qual os altos responsáveis nazistas seriam julgados por crime contra a humanidade para compreender a abissal ignomínia dessa afirmação.

A longa passagem se justifica ao ampliar a contextualização do artigo de Tavares Bastos, integrante do debate público de responsabilização dos intelectuais a serem punidos e proscritos por colaborarem com a invasão nazista. Há declarações de Maurras, citadas por Sapiro, que aparecem, integralmente, no ensaio de Tavares Bastos, demonstrando que a gravidade delas não diminuiu com a passagem das décadas.

Ajuda-nos, também, a situar o local de Tavares no debate público em torno do “triste caso”, o fato de que o escritor brasileiro era participante de uma rede intelectual da Resistência, conforme se registra nas missivas a Murilo, mencionando nomes como Vercors (pseudônimo de Jean Bruller), Louis Aragon e Albert Camus, colaboradores da *Renaissances* e que, posteriormente, enviarão colaborações para o número comemorativo da R.A.

A passagem de Sapiro pode, igualmente, auxiliar a responder à questão de Bogliolo sobre a ausência da nota editorial da *Renaissances* quanto à ação de Maurras contra o expansionismo colonial. Se considerarmos que “De Gaulle à l’origine de *Renaissances*”²² (Bogliolo, 2015, p. 38), o periódico *per si* da Resistência não poderia, evidentemente, contemporizar com um autor que defendeu a repressão às células de refúgio dos resistentes — o “maqui” — e o extermínio sumário de gaulistas.

²² “De Gaulle foi a origem de *Renaissances*” (Trad. nossa).

Por conseguinte, a polêmica em torno do nome de Charles Maurras segue até os dias atuais. O caso Maurras ganha contornos trágicos pelas afirmações antissemitas, mas, principalmente, pela ausência de arrependimento que “apenas revela a prioridade absoluta que [Maurras] conferia ao autoritarismo e às hierarquias sociais e raciais sobre a integridade nacional” (Sapiro, 2022, p. 142).

Diante da celeuma gerada pela proposta de inclusão do nome de Charles Maurras no *Livre de commémorations nationales*, o *Haut Comité* responsável pelas homenagens, representado pela Ministra Françoise Nisse, em 21 de janeiro de 2018, procura explicar uma distinção, que não teria sido bem compreendida, entre celebração e comemoração: a primeira laudatória dos grandes nomes, a segunda comportaria, também, “as horas sombrias”. A ministra comunica à imprensa que “a comemoração pode ser vivida como um chamado a celebrar junto em nome da nação. Isso leva a mal-entendidos que são de natureza a dividir a sociedade francesa”, concluiu ela, para motivar a decisão de eliminar o nome controverso” (Sapiro, 2022, p. 134).

O caudaloso ensaio de Tavares Bastos, quinze páginas ao todo, faz ressoar os enfrentamentos e as acusações do caso, em março de 1945, ainda na esteira do processo de condenação do poeta francês, na perspectiva de um intelectual brasileiro radicado na França. Não obstante, é notável a precisão do recorte do ensaio no que diz respeito à questão dos motivos que levaram à “*peine d’indignité*”. A infâmia que se abateu sob o legado de Maurras não foi revogada, sequer à força da onda revisionista e comemoracionista da sua memória.

2 REVISTA ACADEMICA E O DEVER DE MEMÓRIA

Por outro lado, nas cartas a Murilo Miranda, nota-se o entusiasmo de A. D. Tavares Bastos na missão de divulgar a literatura brasileira em terras francesas num momento que é percebido como um renascimento da vida cultural francesa no “após-guerra”, tendo como corolário a criação da UNESCO, na qual o escritor participou como representante da delegação brasileira. A boa receptividade da literatura brasileira é associada à disposição favorável para com a literatura latino-americana pelos efeitos do Prêmio Nobel (1946) de Gabriela Mistral. A vitória da

artista é interpretada como um sinal positivo para as literaturas do lado de cá do Atlântico. O escritor brasileiro chega a esboçar uma candidatura a favor de Jorge Amado à láurea do Nobel, receando que o grande empecilho fosse a continuidade de intelectuais de extrema-direita em instituições como o P.E.N. Club do Brasil.

Assim, em carta de 16 de janeiro de 1946, é perceptível a via de mão dupla aberta por Tavares Bastos, tanto ao solicitar textos da literatura brasileira hodierna²³ para fins de tradução, que têm Murilo Miranda como um intermediário em razão de suas atividades na R.A., quanto a busca de colaborações para a revista carioca, cujos exemplares são distribuídos pelo escritor para editores e artistas franceses:

E os agradecimentos pela primeira remessa festejadíssima dos números faraminosos [*sic*] da R.A. (Estou agora aguardando, com ansiedade de que você pode avaliar a temperatura, a delícia dos últimos anunciados.) E os insistentes pedidos que renovo, da remessa de livros da nossa gente, com as respectivas autorizações para tradução e edição por aqui: Ando sendo assediado pelos melhores editores do *patelin*: Seghers, Gallimard, Charlot, que querem arrancar vastas tiragens com a *gens braseila* [*sic*]... (Bastos, 1946, s.p.).

Desse modo, o ano de 1946, quando o escritor envia esforços para a publicação dos textos franceses sobre os intelectuais no contexto de guerra, no Brasil, distingue-se, de sobremodo, a interlocução em torno do número comemorativo sobre a França. A. D. Tavares Bastos é um agente prestimoso, cujos inúmeros projetos descritos e executados — *leitmotiv* da correspondência — se situam em um cenário francês de grande interesse pelo Brasil: “Prometo a você o seguinte: uma crônica de sustância sobre o que vai por aqui: Teatros, poesia, política, artes; filosofia, etc. Dado o interesse [de] que o Brasil tem despertado por cá, vou tratar de obter os autógrafos e possíveis ‘photos’ da gente mais marcante” (Bastos, 1946, s. p.).²⁴

²³ Entre os autores mencionados aparecem colaboradores frequentes da R.A.: Aníbal Machado, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Marques Rabello. O recém-falecido Mário de Andrade aparece entre os escritores para tradução, tendo em vista sua importância no Modernismo e a grande amizade com Murilo Miranda.

²⁴ BASTOS, A. D. [Correspondência Fundo Murilo Miranda, FCRB]. Destinatário: Murilo Miranda. Paris, 16 de janeiro de 1946. Carta datilografada. 2 folhas, frente. Papel timbrado VIA AIR FRANCE. Assinatura a tinta.

Figura 2 – Capa da *Revista Acadêmica* (N. 67)



Fonte: *Coleção Plynio Doyle* (FCRB).

O número é considerado, pelos principais estudiosos da revista, como o mais sofisticado quanto ao projeto gráfico e ao volume de participações. Ilustrações, fotos, cores e tipo de papel apresentam uma alta qualidade material e estética. Tavares Bastos não só arregimenta “a gente mais marcante”, mas viabiliza, financeiramente, o número captando contratos publicitários através da agência francesa *Néo-Publicité*.

Do total das trinta e oito colaborações de autores e artistas franceses para a R.A., metade dos autores, ao menos, é mencionada nas cartas a Murilo. Alguns dos autógrafos enviados por Tavares Bastos das colaborações francesas encontram-se arquivados entre os trinta e três documentos da Coleção Murilo Miranda da FBN. Destes, sete documentos foram reproduzidos na seção *Manuscritos* da revista *Poesia Sempre* (N. 5, Fevereiro/1995), por ocasião do número sobre as relações entre as poesias brasileira e francesa, indicando, assim, o marco poético/artístico do número comemorativo da R.A.

Declarações e depoimentos, de ambos os lados, enaltecem o retorno à vida democrática. Passado mais de um ano após o Dia da Vitória na Europa (VE Day), em 08 de maio de 1945; todavia, o símile dos “tempos sombrios” não desaparece

por completo devido à preocupação com os regimes totalitários que não ruíram com a guerra, como era a situação de Espanha e de Portugal. Destina-se, na revista, um espaço importante para as denúncias contra os colaboracionistas e o contexto asfixiante da ocupação, a exemplo dos poemas “*Un petit nombre d’ intellectuels français s’est mis au service de l’ennemi*”²⁵ de Paul Éluard, com ilustração de Luci Citti Ferreira, e “*La clôture*” de Pierre Seghers, com ilustração de Marcier, o capítulo de romance de Louis Aragon, versando sobre “*l’affaire Dreyfus*”, colaboradores da *Renaissances* e confirma a integração de Tavares Bastos a uma rede intelectual da vanguarda artística.

Desse modo, enaltece-se a importância da Resistência francesa, como nos artigos “Poesia da Resistência” de Renato Almeida, “A Resistência” de Roberto Alves Côrrea, a conferência de Aníbal Machado sobre “A Poesia na Resistência Francesa”, ou nos poemas “*L’appel*” de Jacques Supervielle, “*Le France de Toujours*” de Beatrix Reynal, com ilustração de Oswaldo Goeldi, e o “Poema para os Maquis” de Ana Osório. Reitera-se o momento de reconstrução da França, cujo símbolo é a representação de Paris como cidade-luz, o que já se anuncia no texto de abertura do número. Em “Saudação à França”, ressalta-se

a ideia bela e generosa [de] reunir em Paris os representantes das Nações Unidas para realizar a primeira tarefa de paz [...] na cidade, que encarnou o espírito de resistência à opressão dos ocupantes militares, na cidade que soube guardar na odiosa vigilância nazista o penacho das suas tradições liberais, na cidade que não perdeu a fé no ressurgimento da liberdade nem a certeza de que as luzes da inteligência brilhariam de novo para ordenar o mundo [...](Fontoura, 1946, p. 5).

A luminosidade metafórica de Paris, na sua condição de lugar de resistência e luta pela liberdade, é afirmada tanto em textos e ilustrações de autores brasileiros, quanto de autores franceses, como se pode observar nas seguintes obras:

- “Instantâneo amor à França” de Sérgio Milliet;
- “Miragem de Paris” de Luís Martins;
- “França” de Jorge de Lima e ilustração de Luci Citti Ferreira;
- “Paris, 1943” de Charles Vidrac e ilustração de Tarsila do Amaral;
- “Imagens de Paris” de Hermes Lima e ilustrações de Arpad Szenes;

²⁵ “Um pequeno número de intelectuais franceses se pôs a serviço do inimigo” (Trad. nossa).

- “A libertação de Paris” de Capitane Louise de Mont Reynaud;
- “O Enamorado de Paris” de Dinah Silveira de Queiroz;
- “Paris, 1946” de Michel Simon;
- “*Île de France*” de André Frénaud e ilustração de Noemia;
- “Yvette”, conto de Elsa Triolet e ilustração de Quirino Campofiorito.

O engajamento da R.A. em relação aos temas políticos se conjuga a uma elaborada forma artística, como é perceptível na apresentação dos textos publicados. As ilustrações são feitas por muitos artistas modernistas de grande expressão — a exemplo de Lasar Segall, desenhista da capa estilizada com as cores da bandeira francesa — e integram as mensagens de modo consistente e articulado.

Embora não seja o propósito deste artigo fazer uma análise completa do número, é importante para notarmos a diferença que o intervalo de quase dois anos, entre o julgamento de Charles Maurras, nos estertores da guerra, e a escrita do primeiro ensaio em março de 1945. Há uma mudança significativa na representação em torno da ocupação, da resistência e da liberação no pós-guerra no segundo ensaio de Tavares Basto, “Roteiro Sinótico de Certo Hemisfério”, publicado na R.A.

Nele, Tavares Bastos faz um balanço, mais distanciado, da ação dos intelectuais durante a guerra, dessa feita, propondo um “gráfico desses bastiões” da resistência. As três páginas reafirmam a questão do espírito francês vocacionado para a democracia, como no primeiro ensaio. Porém, o relevo é dado aos intelectuais que, nas trincheiras, foram cruciais para a sobrevivência desse espírito e não se deixaram mistificar pelos discursos manipuladores:

Com a diferença no entanto que muitos poucos foram os que desertaram o lado de cá da barricada para juntarem-se por injunções raramente fora do terreno temporal, à mística dos fariseus pregadores de verdades gobbelianas pseudo-sociais ou nacionais-socialistas. A grande e confortadora maioria não abandonou a posição de fidelidade ao espírito, e os próprios defensores da gratuidade dos seus atos não deixaram de cooperar de modo intransigente na sua defesa. Pouquíssimos foram assim os que traíram a causa (Bastos, 1946, p. 54).

Reproduz-se o depoimento de Gabriela Mistral, durante sua passagem por Paris, por ocasião do Prêmio Nobel. A poeta chilena exalta a produção intelectual

que não cessou ainda que as condições materiais fossem precárias: “apesar da falta absoluta de papel, essa gente admirável publica livros, e inúmeros romances e poesias. Não existe na profissão literária nada que se assemelhe a uma parada nem mesmo a uma pausa” (Mistral *apud* Bastos, 1946, p. 54).

Assim, Tavares passa à tarefa de sistematizar esta produção, a partir de suas competências como crítico literário e antologista/tradutor de poesia²⁶, contextualizando e analisando, de forma sintética, as obras mais representativas de “certo hemisfério”, isto é, o grande grupo de artistas que não foi cooptado durante a ocupação, em consonância com o momento de celebração da vitória da guerra:

Não há dúvida que é extremamente regosijante [*sic*] registrar semelhante circunstância. Mas o que melhor assegura a superioridade da produção francesa está em que aqueles mesmos grandes nomes que já a ilustravam figuram desde logo no primeiro plano da resistência espiritual que, antes de nenhuma outra, timbrou em formar-se no país ocupado e dividido (Bastos, 1946, p. 54).

Os nomes de artistas e intelectuais reunidos aparecem, em quantidade expressiva, no número comemorativo da R.A., convertendo-a, praticamente, numa antologia da literatura francesa do período da ocupação e do fim do conflito. Desse modo, o ensaio de Tavares Bastos é um dispositivo crítico-teórico que articula os textos publicados na R.A., além de se firmar como um segundo momento de reflexão sobre o papel do intelectual durante o período da guerra. Apresentamos os nomes e títulos comentados pelo ensaísta, todos representativos da Resistência.

Destacam-se, abaixo, as obras individuais, conforme a ordem de aparecimento no ensaio (Tabela 1):

Tabela 1

Obras	Autores
<i>“Les lilas et les roses”, Le Crève-cœur, Brocéliande</i>	Louis Aragon.
<i>Exil</i>	Saint-John Perse.
<i>Le Silence de la Mer</i>	Vercors.

²⁶ Tavares Bastos publica duas edições importantes de antologias poéticas, o que lhe valeu o título de “embaixador da poesia brasileira”. Em 3 de novembro de 1946, dá notícia da preparação da *Introduction a la poésie ibéro-américaine*, feita em parceria com Pierre Darmangeat. Em 1954, o antologista recebe prêmio da Academia Francesa de Letras pela coletânea *La Poésie Brésillienne Contemporaine*.

<i>Poésie et Vérité</i>	Paul Éluard.
<i>L’Étoile e la Clef, Requis Civil, Pour une Église</i>	Loys Masson.
<i>Jour de colère</i>	Pierre Emmanuel.
<i>Les yeux d’Elsa, Cantique pour Elsa, Mille regrets, Le cheval blanc, Le premier accroc coûte deux cents francs</i> (Prix Goncourt en 1945)	Elsa Triolet.
<i>Quarante-huit</i>	Jean Cassou.
<i>Le point du jour, Les devoirs de l’esprit, Le Temps mort</i>	Claude Aveline.
<i>Les fleurs de Tarbes</i>	Jean Paullhan.
<i>La France byzantine</i>	Julien Benda.
<i>Calígula</i>	Albert Camus.

São mencionados, ademais, os nomes de Henri Michaux, Patrice de La Tour du Pin e Luc Decaunes. O ensaísta notabiliza, no ensaio, as produções coletivas para comprovar a ideia de insurgência no campo cultural (Tabela 2): “É inegável o assinalado movimento poético que se levantou em França durante e depois da guerra” (Bastos, 1946, p. 55).

Tabela 2

Revistas/Editoras/Jornais	Editores/Colaboradores
<i>Les Lettres Françaises</i> (rev.)	Jacques Decour (editor). Claude Morgan (Diretor). Colaboradores: Paul Éluard, Georges Politzer.
<i>Les Poètes casqués</i> (rev.)	Pierre Seghers (editor). Colaboradores: André Gide, Paul Éluard, Louis Aragon, Claudel, Loys Masson, Pierre Emmanuel, André Frénaud, Gabriel Audisio, Jean Tortel, Eugène Guillevic.
<i>Le Cahiers du Sud</i> (rev.)	Jean Ballard (editor). Colaboradores: Carlos Drummond de Andrade, Raul Bopp.
<i>Éditions de Minuit</i> (ed.)	Vercors (editor).
<i>Pyrénées - Cahiers de la pensée française</i> (rev.)	P. Darmangeat, R. Biemel (et A. Golea), R. Nelli.
<i>Poésie 43</i> (rev.)	Pierre Seghers (editor)
<i>Les étoiles</i> (jorn.)	Loys Masson, Louis Aragon e Paul Éluard.
<i>Europe</i> (rev.)	Romain Rolland (fundador), Jean Cassou (editor).
<i>Combat</i> (jorn.)	Albert Camus.
<i>Terre des Hommes</i> (jorn.)	Claude Bourdet, Jacques Baumel et Pierre Herbart, fundadores.
<i>Les Temps Modernes</i> (rev.)	Jean-Paul Sartre.

São incluídos no texto, igualmente, a título comprovação do coletivo formado, os artistas plásticos que participaram da Resistência: Pablo Picasso – colaborador do número comemorativo da R.A. –, Georges Braque, Henri Matisse, Raoul Duffy, André Mason, Jean Dubuffet. Bastos ainda se detém na crítica literária: André Billy, André Rousseaux, Louis Parrot, Max-Pol Fouchet, Henriot. O olhar se volta para o

descompasso entre a vanguarda literária e o conservadorismo da crítica, ao comentar a fundação, em 1945, do *Le Monde*:

Le Temps, hoje transformado em *Le Monde* (para não desmentir o consagrado truísmo: tempo – espaço! [sic] Onde a sua impenetrabilidade à poesia e a outras sutilezas (uma espécie do nosso velho Medeiros e Albuquerque) não deixa de estar em relação com a ideia de uma crítica dirigida ou totalitária, de sua autoria, quando por inspiração das fontes nazificadas de Vichy... (Bastos, 1946, p. 55)

Ao fim do artigo, é feita uma apreciação dos filósofos franceses envolvidos na Resistência: Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Gastón Bachelard, Léon Brunschvicg, Étienne Émile Marie Boutroux, Julien Benda e Alain (Émile-Auguste Chartier), assinalando a importância do Existencialismo. Desse modo, detém-se na voga existencialista que, segundo o escritor, foi, a princípio, uma corrente filosófica entendida de modo afetado, com fins proveito social no espaço público: “O existencialismo se originou de um equívoco, como certas coisas que caem em geral no domínio dos *snoobs* e outros propedeutas de novidades de salão” (Bastos, 1946, p. 55). Contudo, Tavares ressalta a importância do Existencialismo, seu realismo, uma “filosofia da ação”, suas contribuições e comenta o que considera ser as principais linhas, sobretudo, a questão da abstenção intelectual, reproduzindo depoimentos de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre. O trecho da apresentação da revista *Les Temps Modernes*, “órgão da tribu [sic]” (Bastos, 1946, p. 55), é uma chave de leitura para o artigo:

É de lastimar a indiferença de Balzac diante das jornadas de 48, a incompreensão amedrontada de Flaubert em face da comuna: nós os lastimamos por eles: há aí alguma coisa em que eles falharam para sempre. Nós não queremos em nada faltar para com o nosso tempo: talvez haja outros mais belos, mas esse é o nosso: não temos sinão [sic] *esta* vida para viver, no meio *desta* guerra, *desta* revolução talvez... (Sartre *apud* Bastos, 1946, p. 56, grifos do autor).

Desse modo, o Existencialismo sartriano é o que conduz o fim artigo, reafirmando a questão da responsabilidade intelectual, o reconhecimento da atuação urgente no tempo histórico correspondente a cada um, sejam tempos

amenos, sejam “tempos sombrios”. Em suma, o segundo ensaio realiza o registro dos nomes que não devem ser esquecidos e que foram responsáveis pelo enfrentamento das forças totalitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O escritor se acha *situado* na sua época: cada palavra tem suas repercussões. Cada silêncio também” (Bastos, 1946, p. 56, *grifo do autor*).

Reaver e recompor os arquivos, a partir da noção “diferença colonial” (Pizarro, 2009), foi fundamental para a leitura da produção de A. D. Tavares Bastos no pós-guerra, comprovando os desafios de uma memória fragmentada. Não obstante a atuação relevante do escritor, o acesso às obras ainda é parcial e limitado, disponível apenas em centros de memória. Por outro lado, acessar o conjunto de textos – íntimos e públicos – dos arquivos revela facetas do escritor e dimensiona o alcance do seu trabalho como crítico e jornalista.

Comprovou-se que a tradução era uma atividade que não se restringia às obras literárias que ajudou a verter do português para o francês. Como intelectual atuante e engajado, em uma vasta rede franco-brasileira, Tavares Bastos teve a preocupação em transpor, de acordo com sua perspectiva “ultra-atlântica”, questões e debates candentes da sociedade francesa do pós-guerra.

Nesse sentido, o recorte realizado comprova a especificidade da revista no que tange à dinamicidade e grau de intervenção no debate público, em uma relação política compósita e heterogênea, conforme assinala Roxana Patino (2009). Portanto, foi possível deslindar as redes intelectuais que atuou e os projetos culturais comuns, sendo um ponto de partida para o estudo da história intelectual na América Latina.

Por fim, em um momento em que se assiste uma nova onda reacionária, reeditando discursos de ódio, municiando invasões e extermínios, olhar para a atividade dos intelectuais no contexto da Segunda Guerra Mundial é urgente. A questão da responsabilidade intelectual, as ações de resistência e, principalmente,

o que não pode ser aceito, demonstram que o debate feito por Tavares Bastos, na *Renaissances* e na R.A., segue, incomodamente, atual.

AGRADECIMENTOS

Aos funcionários do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) pelo auxílio a esta pesquisa resultante do estágio de Pós-Doutorado realizado na Fundação Casa de Rui Barbosa (2022-2023).

À Prof.^a Dr.^a Jacqueline Penjon (Sorbonne Nouvelle - CREPAL) pela supervisão durante a pesquisa nos acervos franceses.

REFERÊNCIAS

ACERVO MURILO MIRANDA. Sigla: MMi. Procedência: doado por Yedda Braga Miranda. Instrumento de pesquisa: não possui. Estágio de tratamento: não organizado. Dimensão: 2,18 m. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

AMORIM, Anaximandro. *Tavares Bastos: o embaixador da poesia brasileira na França*. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/paraler/tavares_bastos_o_em_baixador_da_poesia_brasileira_na_franca.html>. Acesso em: 05 abr. 2026.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Murilo e sua “revista”. *Jornal do Brasil*. Caderno B, 06 de maio de 1971, p. 8. Edição 00024 (1). Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_09&pasta=ano%20197&pesq=%22Murilo%20e%20sua%20revista%22&pagfis=209516>. Acesso em: 08 ago. 2025.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. 1. ed. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BASTOS, A. D. Tavares. *Carta*. Correspondência: Fundo Murilo Miranda, FCRB. Destinatário: Murilo Miranda. Paris, 16 de janeiro de 1946.

BASTOS, A. D. Tavares. *Carta*. Correspondência: Fundo Murilo Miranda, FCRB. Destinatário: Murilo Miranda. Paris, 3 novembro de 1946.

BASTOS, A. D. Tavares. *Carta*. Correspondência: Fundo Murilo Miranda, FCRB. Destinatário: Murilo Miranda. Paris, 18 de agosto de 1947.

BASTOS, A. D. Tavares; DARMANGEAT, Pierre; *et al.* *Introduction a la poésie ibéro-américaine*. Paris: Le Livre du Jour, 1947.

BASTOS, A. D. Tavares. Le triste cas de Charle Maurras. In: *Renaissances – Revue Mensuelle*, n. 13-14, Paris, août – septembre/1945, p. 41-55.

BASTOS, A. D. Tavares; *et al.* *La Poésie Brésillienne contemporaine*. Paris: Seghers, 1966.

BÉNISTE, Lucien. Avant-Propos. In: *Renaissances – Revue Mensuelle*, n. 13-14, Paris, août – septembre/1945, p. 40-41.

BOGLIOLO, François. Comme un reflet... *Renaissances* (Alger 1943 – Paris 1946). *La Revue des revues*, N. 54, 2015/2, p. 34 à 62. DOI 10.3917/rdr.054.0034. Disponível em: <<https://shs.cairn.info/revue-la-revue-des-revues-2015-2-page-34?lang=fr>>.

CÂMARA, André Luís Pires Leal. Em torno da Taberna da Glória. In: _____. *Na encruzilhada da Lopes Chaves: encontros e descaminhos em Mário de Andrade*. Dissertação (Mestre em Estudos de Literatura) — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5196/5196_7.PDF>. Acesso em: 21 jun. 2022.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Contrariando as circulares secretas do Governo Vargas. *Morashá*, Edição 108, Setembro de 2020, p. 1-10. Disponível em: <www.morasha.com.br/personalidades/contrariando-as-circulares-secretas-do-governo-vargas.html>. Acesso em: 03 jun. 2022.

COLEÇÃO MURILO MIRANDA. [S.l.: s.n.], 1918-1959. 33 registros. Fundação Biblioteca Nacional.

LIMA, Hermes. “O drama de Maurras”. *Correio da Manhã*, Sexta-feira, 16 de fevereiro de 1945, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_05&pagfis=24702&url=http://memoria.bn.br/docreader#>. Acesso em: 27 jun. 2022.

LUCIFER, Charles (Pseud. A. D. Tavares Bastos). *Ballades Brésiliennes*. Paris: La Pensée Latine, 1924.

MIRANDA, Murilo (org.). *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n. 21, agosto/1936.

MIRANDA, Murilo (org.). *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n. 26, março/1937.

MIRANDA, Murilo (org.). *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n. 63, maio/1944.

MIRANDA, Murilo (org.). *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n. 67, novembro/1946.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da literatura feita no Espírito Santo*. 2. ed. Vila Velha, Vitória, Cariacica: Estação Capixaba, Neples, Cândida, 2019. Disponível em: <<https://blog.ufes.br/neples/files/2019/10/Mapa-da-literatura-brasileira-feita-no-ES-de-Reinaldo-Santos-Neves.-1.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2026.

PATÍÑO, Roxana. América Latina. Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 456-470.

PIZARRO, Ana. A América Latina como arquivo literário. In: SOUZA, Eneida Maria de; MARQUES, Reinaldo (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 352-369.

POESIA SEMPRE. Ano 3, Número 5. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1995.

SAPIRO, Gisèle. Comemorar Maurras? In: SAPIRO, Gisèle. *É possível dissociar a obra do autor?* Trad. Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos, 2022, p. 132-142.

SIMONIN, Anne, *Les Editions de Minuit : le devoir d'insoumission 1942-1955*, Paris, IMEC Éditions, 2002. Disponível em: <<https://museedelaresistanceenligne.org/media7064-Les-ditions-de-Minuit>>. Acesso em: 09 abr. 2026.

Recebido em: 11/04/2026

Aprovado em: 21/07/2026